

O E-LUGAR E AS DESIGUALDADES NO USO DA CIDADE DIGITAL

THE E-PLACE AND INEQUALITIES IN THE USE OF THE DIGITAL CITY

EL E-LUGAR LAS DESIGUALDADES EN EL USO DE LA CIUDAD DIGITAL

Markelly Fonseca de Araújo

Doutora em Geografia Humana, Universidade de São Paulo

E-mail: markellyfonseca@gmail.com

RESUMO

A cidade digital é uma realidade, principalmente nos grandes centros metropolitanos do país. Conhecer as suas dinâmicas de produção é poder oferecer possibilidades para o enfrentamento das desigualdades do uso da cidade, bem como conhecer as características da vida cotidiana nesta etapa do capitalismo. A prática da vida cotidiana é o que se chama nesta reflexão de lugar, isto é, uma ação humana. O processo de digitalização da vida traz novos desafios metodológicos, apreciar os novos hábitos e costumes da geração digital é o primeiro passo para se compreender o uso da cidade do presente. Essa complexidade vivenciada pela violência da informação que implode as mídias digitais diariamente tem sido estudada a partir dessa dimensão do lugar. Que é considerada como um tempo geográfico, ação humana, um verbo da geografia em lidar com o presente e o futuro. Compreender a prática cotidiana dos lugares pode contribuir na ampliação da consciência e no sentido dos usos do território com plenitude existencial.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade Geográfica; Paisagem Digital; Celular Multifuncional e Cidade Digital.

ABSTRACT

The digital city is a reality, especially in the country's large metropolitan centers. Knowing its production dynamics means being able to offer possibilities for facing inequalities in the use of the city, as well as knowing the characteristics of everyday life at this stage of capitalism. The practice of everyday life is what is called in this reflection a place, that is, a human action. The process of digitizing life brings new methodological challenges, appreciating the new habits and customs of the digital generation is the first step towards understanding the use of the city of the present. This complexity experienced by the violence of information that implodes digital media daily has been studied from this dimension of place. Which is considered as a geographical time, human action, a verb of geography in dealing with the present and the future. Understanding the daily practice of places can contribute to the expansion of consciousness and the sense of the uses of the territory with existential fullness.

KEYWORDS: Geographic Inequality, Digital Landscape, Smartphone and Digital City.

RESUMEN/RÉSUMÉ

La ciudad digital es una realidad, especialmente en los grandes centros metropolitanos del país. Conocer su dinámica productiva significa poder ofrecer posibilidades para enfrentar las desigualdades en el uso de la ciudad, así como conocer las características de la vida cotidiana en esta etapa del capitalismo. La práctica de la vida cotidiana es lo que en esta reflexión se llama un lugar, es decir, una acción humana. El proceso de digitalización de la vida trae consigo nuevos retos metodológicos, apreciar los nuevos hábitos y costumbres de la generación digital es el primer paso para entender el uso de la ciudad del presente. Esta complejidad que vive la violencia de la información que implosiona a diario los medios digitales ha sido estudiada desde esta dimensión de lugar. El cual es considerado como tiempo geográfico, acción humana, verbo de la geografía en el trato con el presente y el futuro. Comprender la práctica cotidiana de los lugares puede contribuir a la ampliación de la conciencia y el sentido de los usos del territorio con plenitud existencial.

PALABRAS-CLAVE/MOTS-CLÉS: Desigualdad Geográfica; Paisaje Digital; Celular Multifuncional y Ciudad Digital.

1. INTRODUÇÃO

A produção das cidades, sobretudo nas grandes metrópoles nacionais, já é digital e essa artificialização ou digitalização do cotidiano, também tem se expandido e se difundido no campo. A apresentação dos sistemas de engenharia como tecnicização do território no entendimento de Xavier (2001) permite a compreensão da ampliação desse processo para a mecanização e modernização da agricultura sobre a definição do que aqui se entende como tecnificação do território. Toma-se esse processo de tecnificação como a extensão material do meio técnico-científico-informacional.

As metamorfoses do meio técnico-científico-informacional¹ em sua difusão mais que perfeita, dado o avanço da tecnologia e do compartilhamento das informações, dinamizam e transformam o cotidiano. Essa difusão mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional está ligada à taxa de tecnificação territorial não significando uniformidade ou homogeneidade no uso do território. Aqui a definição de meio é um conceito abstrato que se materializa a partir do uso do território. Quando se fala de difusão mais que perfeita é a etapa da revolução informacional (LOJIKNE, 2002 [1995]) em inteligência artificial e na expansão do ciberespaço e da cibercultura (LÉVY, 1996; 1999). O que não significa diminuição de desigualdades sociais no acesso à internet, por exemplo. Ao contrário, a depender do país as desigualdades sociais se aprofundam nesta etapa da produção da cidade digital.

O meio é um complexo geográfico formado por um conjunto de condições externas de vida do indivíduo ou do grupo que se constituía sob três aspectos: complexo climático, complexo vivo e complexo social (SORRE, 1984 [1954]). Enquanto o Meio Técnico-Científico-Informacional “[...] é o meio geográfico do período atual, onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que se servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção (SANTOS, 2009 [1996], p. 234-235).”

O que ocorre com a dispersão do meio técnico-científico-informacional é um movimento de densidade e rarefação, fluidez e viscosidade, compressão ou fusão do espaço-tempo na prática dos e-lugares. O e-lugar é um lugar virtual, eletrônico ou digital, uma teleação (SANTOS, 2009 [1996]) que tem sua máxima na realização das vídeos-chamada ou chamadas de vídeo por meio do uso dos dispositivos móveis e suas plataformas digitais.

Os projetos de produção da cidade digital surgem quando se propõem a criação de cidades inteligentes ou as *smart cities*. Tendo como fundamento uma lógica computacional. É a partir dessas transformações que a prática de e-lugares se torna real. O avanço do aparato tecnológico que permitiu o surgimento do celular multifuncional (comumente chamado de smartphone) com acesso a internet mudou o paradigma de produção da cidade.

Considerando a evolução do conceito de lugar segundo George (1971) e Santos (2009 [1996]) traz-se essa dimensão do cotidiano como conceito e categoria de análise para acompanhar as metamorfoses do meio geográfico atual para compreender as transformações do processo de urbanização e suas repercussões no uso do território da cidade². Essa cidade é considerada como um território usado e comandado pelo capitalismo inicialmente industrial e depois financeiro é a forma que representa esse momento histórico do domínio do sistema mundo capitalista. É a concretude e forma que representa a classe dominante do período capitalista.

A cidade produzida pelo processo de urbanização regido pela dispersão do meio técnico tinha como aparência uma paisagem³ burguesa, melhor dizendo a imagem produto da cidade tinha o símbolo da indústria, podendo-se dizer que ela tinha uma predominância de paisagem industrial. As transformações do capitalismo repercutem na forma da produção da cidade que vai mudando de qualidade, novas paisagens começam a se impor. É nesse sentido que se traz a paisagem digital, os novos cotidianos (prática dos lugares) no uso da cidade.

O urbano e seu processo de dispersão, a urbanização, se transformam a ponto de surgir uma nova qualidade. A saturação da taxa de urbanização dá passagem à novas medições das metamorfoses do território da cidade e a vida de relações das pessoas, isto é, o cotidiano. Dado o avanço da tecnologia na produção capitalista, o uso do território no campo tornou-se hiper mecanizado, além da difusão dos objetos representantes do meio técnico-científico-informacional, como o celular multifuncional. Propõem-se ao debate a taxa de *tecnificação territorial*. A velocidade e fluidez territorial chegam ao campo, dinamizando e aproximando um modo de vida que era isolado. Não há mais o processo de êxodo rural, não mais no sentido que se caracterizava o processo de urbanização das cidades do antigo terceiro mundo. Talvez a taxa de tecnificação territorial dê conta de demonstrar esses novos processos, essa é uma das hipóteses de pesquisas futuras.

No entanto a preocupação central da reflexão é em demonstrar as novas desigualdades no uso da cidade digital. A prática do e-lugar é uma constatação desse processo que precisa ser aprofundado no sentido de compreender como se dão as desigualdades no ciberespaço.

Inicialmente traz-se a difusão mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional que transforma a dinâmica do cotidiano na cidade e no campo. O cotidiano na geografia é estudado pelo conceito e categoria do lugar. Sendo o espaço do acontecer solidário, um tempo geográfico ligado à ideia de evento, o lugar é a ação humana. Diferindo de local ou localidade o lugar é a dimensão do cotidiano. Como dimensão instantânea o lugar é mensurado ou sentido na unidade do corpo humano.

É essa dimensão, a do lugar, a quinta dimensão espacial do espaço geográfico (SANTOS, 2009 [1996]), cotidiano compartilhado, ação humana, hábitos e costumes, o verbo da geografia, que se transforma também na categoria de análise da cidade e do campo. Porém, essa reflexão é sobre a cidade digital. Esse mundo fluído e ultrarápido, ou como diz Lipovetsky e Serroy (2015) a hipermodernidade, o capitalismo artista, hiperespetáculo e o hiperconsumo com a estetização do mundo, se reverte em novas práticas dos lugares, novos hábitos ou práticas diárias.

Mas para se entender a prática do lugar como ação humana é preciso saber da divisão territorial e social do trabalho, a classe social a cultura e a condição de contato com o meio geográfico que se vive, que em certa medida determinam as ações humanas, as práticas diárias, quer sejam ativas ou passivas, os lugares.

As desigualdades sociais, dado o império capitalista, mas precisamente no mundo ocidental, produziu cidades e usos agrícolas do campo repercutindo nas denominadas desigualdades territoriais (SANTOS; SILVEIRA, 2001) ou socioespaciais (SOUZA, 1994). Toma-se essas desigualdades como geográficas, porque além das condições e características territoriais da seletividade e segregação espacial, ou seja, condições materiais do local de vida, os lugares praticados, as ações humanas decorrentes são influenciadas. As desigualdades geográficas exibem o lugar e os locais usados pelos indivíduos que podem ou não se tornar sujeitos ou autores de sua história.

O mundo codificado discutido por Flusser (2017) tem no design a sua chave de difusão e poder. Na semântica da palavra design, quer seja como substantivo que seja como verbo, seu significado possui em seu bojo a intenção astuciosa de simulação, sendo considerada em seu viés negativo como uma fraude ou um dispositivo de enganação. Ainda segundo a análise do referido autor, a semântica do design possui proximidade com a palavra técnica o que também contribui com a dubiedade em seu significado. Mas a geografia possui uma palavra e conceito que melhor representa a imagem da cidade digital, é a paisagem. E como produto da cidade digital tem-se cada vez mais na dimensão cotidiana da cidade as paisagens digitais.

A) O USO DO TERRITÓRIO DA CIDADE DIGITAL

a.1). Tecnificação Territorial

Para se produzir uma taxa de tecnificação territorial é preciso um estudo aprofundado com a elaboração criteriosa da sua mensuração. Nesta reflexão traz-se o início da discussão a partir dos fundamentos teórico-metodológicos adotados.

A noção de território traz a tradição de ser sinônimo de Estado-Nação com uma noção jurídico-política, **mas é do uso do território que se faz a análise social** (SANTOS, 1994). Desse ponto de vista as delimitações de territórios a partir do sentido dos seus usos também podem ser consideradas segundo a tradição do domínio político, pela projeção da divisão do trabalho, revelando relações de poder (RAFFESTIN, 1993)⁴. Quando se fala do uso do território em seu embasamento está a teoria do valor de uso e do valor de troca, assim a divisão do trabalho também se encontra em seu fundamento.

A interpretação geográfica desta reflexão pratica o território usado, ou seja, “O território são formas, mas o território usado são objetos e ações [...], (SANTOS, 1994, p. 16)”, sendo sempre um duplo entre ação e objeto o território tem seu sentido pelo valor de uso, definido ou delimitado pelas relações de poder. Com referência à base material do país Brasil e a delimitação histórico-jurídica-política da sua formação socioespacial como Estado Nacional, o Usado é a sociedade em movimento (as ações humanas), território usado uma categoria de análise geográfica, a expressão da indissociabilidade dos objetos e ações⁵.

Quando se refere à território tem-se sempre em mente a base material de reprodução da vida. A sociedade sempre usa o território através da prática dos lugares, porém nem todos os lugares delimitam territórios (é preciso uma base política-jurídica para tal, como os territórios indígenas, por exemplo, ou mesmo os territórios do crime pelo poder paralelo do tráfico de drogas ou da milícia).

Quando o Estado-Nação através dos seus níveis de ação ou intervenção definem os locais da reprodução do capital e aqueles acessórios a ele, como as áreas de habitação popular, por exemplo, produz-se os territórios fluídos e aqueles viscosos. A fluidez territorial está ligada à difusão dos transportes, às autopistas e estradas vicinais, fazendo com que a circulação seja fácil e fluída. Essa fluidez do território intensifica ou gera uma divisão territorial do trabalho. “E essa fluidez do território tem como consequência [*sic*] uma acessibilidade (física e financeira) maior dos indivíduos. (SANTOS, 2009 [1993], p. 57)”

O processo de desigualdade socioespacial tendo como par dialético a abundância e a escassez se expressam territorialmente em dois pares dialéticos: às porções de densidades e rarefações ou fluidez e viscosidade do uso do território (SOUZA, 2003). Neste trabalho devido à análise que se faz da prática dos lugares se opta pela dinâmica dos pares de fluidez e viscosidade.

Os indivíduos que acessam em maior número o território fluído da cidade tendem a ser aqueles que possuem maiores ganhos de salário. A divisão territorial seria maior pela propensão à consumir e produzir, maior tendência ao movimento e à criação de riqueza (SANTOS, 2009 [1996]). Não é que a fluidez cria ou gera a divisão territorial do trabalho, mas pode ser consequência dela. Enquanto a viscosidade territorial é a ausência, contato ou uso incompleto ou precário aos atributos do meio técnico-científico-informacional materializados no território usado segundo a prática dos lugares pelas pessoas.

a.2) Celular multifuncional: uma prótese do corpo humano

A cidade do século XXI é digital. O objeto que promove as transformações na vida cidadina e conseqüentemente nas paisagens da cidade é o celular multifuncional. O automóvel havia sido o objeto promotor das metamorfoses da cidade na eclosão do período técnico-científico-informacional (SANTOS, 2009 [1996]). Era o automóvel que dinamizava as transformações territoriais na construção das vias expressas de circulação, atribuindo ao território fluidez. O automóvel dá passagem à evolução do celular móvel, o celular multifuncional no auge desse período em que a cibernética reina.

A hegemonia do capital ainda impõe projetos como o design da cidade que denominam inteligente por ser uma réplica do mundo digital, onde os objetos e materialidades da cidade são o *hardware* e os aplicativos são o *software* naquilo que se entende como urbano (modo de vida). Uma novidade dessa nova cidade é a possibilidade da criação de novas informações que podem inverter a lógica das hegemonias, informações pontuais que podem quebrar a hierarquia ou filtros hegemônicos. Percebe-se que as mídias tradicionais estão enfraquecidas e sofrem transformações no jogo do poder como, por exemplo, o resultado de eleições sendo decididas pelo surgimento de novos grupos que sabem usar a digiesfera ou o ciberespaço naquilo que Da Empoli (2019) chama de política quântica.

Essa cidade digital já é presente, e foi intensificada com a pandemia, mas é vendida como cidade do futuro naquilo que chamam de *smart cities* ou cidades inteligentes. Planos são

desenvolvidos para a construção daquilo que projetam como cidade do futuro sendo uma cidade já praticada na lógica dos aplicativos. O problema que se impõe na realidade brasileira é sobre as desigualdades entre os ricos e os pobres, a desigualdade de classes que é a base da sociedade do capital.

O design do celular multifuncional permitiu a fusão do humano-máquina de maneira prática, não significa totalmente ser um androide ou robô, mas a ideia alimentada pela velocidade do mundo digital numa fluidez de comandos, desejos e consumos cada vez mais automatizada. Um dos problemas que se apresentaram nesta pandemia é relacionado com a impossibilidade de contato físico, sendo o contato social realizado forçosamente pela prática dos e-lugares, a teleação de que fala Santos (2009 [1996]), a prática cibernética dos lugares no ciberespaço. A psicoesfera e tecnoesfera se fundem na digiesfera que tem por ação o e-lugar.

A fusão do celular multifuncional com o corpo humano empiriciza o que Deleuze e Guattari (2011 [1973], p. 375) falavam sobre o estudo de Butler, o qual dizia que as máquinas não eram apenas prolongamento do organismo, elas são: “[...] membros e órgãos alojados sobre o corpo sem órgãos⁶ de uma sociedade, de que os homens se apropriam conforme sua potência e sua riqueza, e que a pobreza os priva como se fossem organismos mutilados.”

Flusser (2011 [1979], p. 83) já advertia sobre os objetos como prolongamento do corpo humano ao exemplificar sobre a máquina de escrever: “A máquina de escrever foi feita para servir de instrumento aos meus dedos. É um prolongamento dos meus dedos”. Atualizando processos Flusser (2017) faz uma periodização sobre o homem novo ou o homem do futuro que é o homem-aparelhos-eletrônicos que substituiu respectivamente o homem-mão, o homem-ferramenta e o homem-máquina. O homem do futuro deixa de ser *homo faber* para ser *homo ludens* (performer).

a.3) O corpo humano como unidade de medida do cotidiano

Pensando a transformação da urbanização numa tecnificação territorial que modificou o campo em seu uso agrário do território propõem-se uma fórmula geográfica das desigualdades. Considerando o lugar como ação humana, dimensão dos hábitos, da *cotidianidade* como temporalidade e comportamento do modo de ser conforme definiu Heidegger (2015 [1986]) elaborou-se a seguinte fórmula: a mensuração ou estudo das desigualdades passa pelo esforço que o ser humano aplica ao uso do território.

Esse esforço está ligado ao contato que se tem pelas mediações do meio técnico-científico-informacional, se é fácil e rápido, na prática de lugares fluídos ou se é devagar e lento, constituindo lugares rígidos. Entretanto, a fluidez e a rigidez são relativas, e pessoas pobres que aplicam demasiado esforço ao uso do território também podem praticar lugares fluídos, e pessoas ricas que quase não aplicam esforço algum ao uso do território podem constituir lugares rígidos, sobretudo do ponto de vista jurídico ou normativo.

A rigidez ou fluidez não está vinculada a pobreza ou riqueza, mas ao uso do território. Enquanto as desigualdades se dão pela dificuldade ou facilidade que as pessoas possuem no contato com o meio, implicando maior ou menor esforço ao uso do território.

O lugar como tempo geográfico pode aprofundar o estudo das desigualdades sociais e geográficas, pois a dimensão material do lugar é o corpo humano⁷. Cabe destacar que as desigualdades geográficas são diferentes do que se entende por diversidade ou diferenciação geográfica. As desigualdades geográficas trazem em seu espectro a injustiça social.

Geograficamente na cidade digital as desigualdades são mensuradas pela velocidade ou lentidão. Isso territorialmente se expressa em fluidez e viscosidade, ou seja, a disposição dos objetos ao ser humano. A qualidade dos lugares em ser passivo ou ativo está relacionada à abertura ao novo, à criatividade, a ação prática, isto é, a imaginação.

As desigualdades estão dispostas nos mais diversos níveis, sendo impossível classificações estanques. Por isso a iniciativa da fórmula aqui proposta e da abordagem a partir do lugar como ação humana, este como sujeito e sendo seu predicado o qualificador da ação, resta-se aprofundar as variações da prática dos lugares na cidade digital.

A questão do corpo, a corporeidade, é a unidade que se inicia a discussão sobre o lugar como tempo geográfico. No dizer de Ortega Y Gasset (2017 [1983], p. 117) “[...] o corpo do outro, quieto ou em movimento, é um ambulante semáforo que nos dá constantemente os mais variados sinais [...]”. O corpo é a unidade que materializa a ação humana, ou seja, o lugar. Essa é a base de investigação para a cidade digital, pois a lógica de sua produção é localizada por meio do uso dos aplicativos.

B) AS NOVAS PAISAGENS DA CIDADE

b.1) O lugar como ação humana: dimensão cotidiana

O lugar é a dimensão temporal do espaço geográfico, é ação humana. Cada local ou localidade possui características de formação territorial distinta ou específica e são essas especificidades que diferencia ou atribui desigualdades geográficas. Os lugares como ação humana também apresentam as desigualdades em suas paisagens, devido aos constituintes da ação.

O lugar como sinônimo do cotidiano (hábitos ou práticas diárias) é constituído como ação humana através dos níveis de mediação do meio técnico-científico-informacional: são as densidades técnicas, informacionais e comunicacionais para a constituição dos lugares. “Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, cuja função os caracterizam e distinguem (Santos 2008, p. 160).”

As densidades técnicas dizem respeito aos objetos técnicos e aos graus de artifícios despendidos por elas, e que estimulam a psicoesfera e tecnoesfera⁸. Quando Santos (2008) se remetia aos “espaços inteligentes” previa o advento das mídias sociais e plataformas digitais que dinamizam a psicoesfera e tecnoesfera atuais. As densidades informacionais decorrem das densidades técnicas em certa medida. Elas criam o sistema de ações e o sistema de objetos da psicoesfera e tecnoesfera. Informam também “[...] sobre os graus de exterioridade do lugar, sua propensão a entrar em relação com outros lugares e a efetivação dessa propensão [...] (SANTOS, 2008, p. 160).” Enquanto as densidades comunicacionais correspondem ao tempo da ação. “Esse tempo plural do cotidiano partilhado é o tempo conflitual da co-presença (SANTOS, 2008, p. 160).”

Os lugares (ação humana) se constituem tendo a indissociabilidade (objeto e ação) no uso do território. A dinâmica territorial dentre as densidades e a rarefação dos objetos da modernidade estabelece as condições para a prática dos lugares, assim a base do estudo das desigualdades geográficas. A dispersão da tecnificação territorial seria como um novo processo de expansão da modernidade ou do processo civilizatório.

A dinâmica dos lugares é um método elaborado por Souza (2008). Neste trabalho se exhibe os principais agentes da dinâmica dos lugares que são: a fluidez territorial, a difusão do meio técnico-científico-informacional, as mídias⁹ (CHOMSKY, 2015), os objetos técnicos, e a redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera.

Para a constituição dos lugares alguns fatores instauram as ações, isto é, a qualidade do lugar. Os fatores da prática do lugar são:

- O local: o ponto de localização, por georreferenciamento, a parcela material onde se está no momento da ação pretendida, das infinitas ações, a localização que a pessoa vive ou mora depende da classe social e das influências culturais.
- Objetos geográficos: casas, ruas, indústrias, fazendas, praias, cidades, campos, celulares, livros, computadores, carros, avenidas, aviões, enxadas, etc. Os mais diversos tipos de equipamentos, utensílios e objetos técnicos. É o campo material para a ação, seja material fixo ou material móvel como o celular multifuncional. As próteses territoriais chamadas de tecnoesfera.
- Intencionalidades, objetivos, propósitos. Os agentes (localidade, objetos geográficos, divisão do trabalho, classe social, cultura etc.) da dinâmica territorial. Repertório geográfico ou visão do mundo. Vínculos culturais ou sociais: afinidades, características psicológicas o reino das ideias, razão e emoção e mentalidades, a psicoesfera.
- Mediações do meio técnico-científico-informacional: as densidades técnicas, informacionais e comunicacionais que os sujeitos tomam contato.

A prática dos lugares funde dois campos: um campo emotivo a psicoesfera e um campo concreto a tecnoesfera. A depender da qualidade da ação humana pode-se ter os *lugares fluídos* (rápidos, velozes, abertos) que tem seu oposto nos *lugares rígidos* (fechados ou rípidos, preconceituosos, limitados); outro par dialético de análise são os *lugares autômatos* (mecânicos, irreflexivos) e os *lugares práticos* (reflexivos, orgânicos). A qualidade dos lugares obedece sempre uma condição ativa ou passiva. A prática de lugares passivos são os lugares rígidos e lugares autômatos com sentido negativo, de limitação de ideias ou de irreflexão, enquanto os lugares ativos são os lugares fluídos que deixam fluir e fruir e os lugares práticos que objetivos são exercidos mediante reflexão, valem-se do pensamento ou organização.

É preciso destacar que os pares dialéticos de fluidez e viscosidade territorial ou densidade e rarefação não são os mesmos da prática dos lugares. Pois lugar como ação humana possui outras qualidades no uso do território segundo as mediações do meio técnico-científico-informacional. Os pares dialéticos da prática dos lugares dizem respeito às qualidades das difusão e acesso ao meio técnico-científico-informacional, então as oposições estão ligadas fundamentalmente a isso. Porém outras características também contribuem como pontuado acima.

Não há determinação entre a prática de lugares (ação humana) e o uso do território, lugares fluídos e práticos podem ser constituídos em territórios viscosos, com objetos ou equipamentos

rarefeitos, ausentes ou precários. A prática dos lugares fluídos se dá pela facilidade no uso dos objetos modernos, os lugares autômatos ou mecânicos é outra qualidade, outra ação, são práticas sem reflexão, por ação mecânica, os lugares fluídos praticados pelas pessoas não necessariamente são mecânicos, ou seja, autômatos.

Um exemplo é a Fotografia 1 que elucida como problematização a complexidade em se compreender a prática dos lugares num território viscoso dos objetos modernos, onde se vivencia uma precarização da vida. Mas apenas pela imagem não é possível afirmar sobre a qualidade a ação. É possível constatar que os objetos representantes do meio técnico-científico-informacional chegam de uma forma ou outra, o que leva a falar da difusão mais que perfeita. Contudo, isso não significa que se eliminam as desigualdades. Ao contrário, elas se aprofundam dado o grau de difusão do meio.

Fotografia 1 – Distrito de Sacomã na Zona Sul de São Paulo-SP. Exemplo de território viscoso.



Fonte: Autoria própria tirada às 12hs e 58min. em 24 de ago. de 2019.

A jovem em destaque na imagem ilustra o que se deseja exemplificar como a fusão do humano-máquina tendo o celular multifuncional como prolongamento do corpo humano como as práticas do cotidiano digital em localidades precárias, periferia da cidade.

A medida do lugar passa a ser o corpo humano, corpórea (SANTOS, 2009 [1996]). É preciso entrar numa dinâmica quântica saindo da esfera geométrica para compreender a velocidade dos mega dados cibernéticos e como essa condição instaura novas relações de poder, cursos de *big data* já são oferecidos para lidar com esse novo ambiente. Por isso a ideia de meio e de lugar se resignificam diante desse novo mundo em que a realidade virtual e digital funde matéria e ação.

b.2) A estética da paisagem dos lugares

Como visto a prática dos lugares como ação humana ou dimensão do cotidiano obedece aos níveis de mediação com o meio técnico-científico-informacional. As ações tanto podem ser presenciais como virtuais naquilo que se definiu como e-lugar. Essa é a diferença banal entre os lugares e os e-lugares (lugares virtuais ou digitais praticados pelo aparato tecnológico). O e-lugar é a prática da ação humana na digiesfera ou no ciberespaço, uma prática de telepresença, teleação.

Nesse sentido, a estética dos e-lugares é altamente artificial, onde o apelo pela perfeição, pela rapidez, pela uniformidade é imperativo. Bem como a prática dos lugares pela velocidade sem uma reflexão prévia, em ações mecânicas podem induzir a erros ou ser orquestrada para manobras políticas. Os lugares autômatos são práticas por irreflexão, e essa prática de lugares pode ser usada como uma estratégia política se valendo das desigualdades sociais e geográficas como tática.

Um dos problemas dos usos das mídias sociais digitais é sua colaboração para o controle dos corpos pelos sistemas de informação e as grandes corporações da informação, que podem corresponder a um tipo de *panóptico de Bentham* como um instrumento de controle ou disciplina social (FOUCAULT, 2014 [1975]). O design (desenho industrial) do hiperconsumo ainda é o imperativo que rege a estética exibida pelas paisagens dos lugares, e o controle social que se intensifica a partir do uso das novas mídias e dispositivos digitais contribui com essa orquestração. Ainda que ao mesmo tempo haja novas exigências de consumo diversificado surgindo como alertam Lipovetsky e Serroy (2015) o que impera é o apelo às padronizações.

b.3) A paisagem digital

As paisagens se configuram como o laboratório do trabalho do geógrafo. Elas são o primeiro contato com a abordagem sobre os lugares. É por meio delas que a redutibilidade entre psicoesfera e tecnoesfera se inicia. “[...] a paisagem consiste em camadas de formas provenientes de seus tempos progressos, [...] diversas acumulações ao longo da história” (SANTOS, 1985, p. 55). Mas com

a convergência dos momentos desses tempos acelerados o movimento de transformações do espaço geográfico se torna cada vez mais veloz, repercutindo em cada formação socioespacial a chegada de elementos novos cotidianamente, alterando o cotidiano instantaneamente, isto é a prática dos lugares.

Por esse motivo que as mídias sociais se revertem num dado imperioso da prática dos lugares. Num primeiro momento dessa observação das paisagens a partir do estudo da dinâmica dos lugares as paisagens se revestem de velocidade na sua produção e percepção. A paisagem é um conceito sensorial, por isso todos podem apreendê-la pelos sentidos. Lembra-se que a paisagem é “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança [...] o domínio do visível [...] É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 2014 [1988], p. 67-68).

Flusser (2017, p. 58) refletiu antevendo sobre o futuro digital. Seus artigos são publicados apocrifamente, a reflexão mais recente dessa coletânea data dos anos de 1990. Ele revela que “As mãos tornaram-se supérfluas e podem atrofiar, mas as pontas dos dedos não. [...] O homem, nesse futuro de coisas imateriais, garantirá sua existência graças às pontas dos dedos.” Sendo essa a lógica do celular multifuncional com a fusão do humano-máquina pelo toque do dedo e o carregamento do celular multifuncional pelo corpo humano.

Essa fusão humano-máquina proporcionada pelo objeto, pois o objeto não é o meio, mas o meio se difunde a partir do objeto, é propiciada pelo uso do celular multifuncional com acesso à internet. Essa possibilidade assegura a difusão mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional, e promove uma nova racionalidade na lógica de produção da cidade. E essa lógica também é praticada no campo. Sendo preciso investigar sobre a ampla e mais que perfeita difusão do meio técnico-científico-informacional e suas transformações para o futuro.

Quando se fala em difusão mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional se refere à fusão do humano-máquina e os imperativos da digiesfera, do mundo digital, do ciberespaço.

A Fotografia 2 é um exemplo das paisagens digitais, que nas grandes metrópoles se intensificam, mas também no campo passam a despontar como novidades eletrônicas a partir da digitalização dos hábitos e práticas, sobretudo, no ambiente da internet pelos diversos aplicativos, repercute em novos costumes ou hábitos como a *política pessoal e coletiva do cancelamento*¹⁰ muito observada neste contexto de pandemia. É fato que a digiesfera proporcionada pelas mídias

digitais¹¹, plataformas e aplicativos foi superutilizado como alternativa para a continuidade das atividades sociais nesta pandemia da Covid-19.

Fotografia 2 – Estação da República Metrô de São Paulo-SP.



Foto: Autoria própria tirada às 09hs e 59min. em 01 de dez. de 2020.

Uma forma de estudar os lugares e suas expressões é pelo uso das paisagens no instante da imagem fotográfica. É pelas paisagens que se visualizam as desigualdades entre a prática dos lugares (aqui sempre entendido como ação humana) e a delimitação das fronteiras ou limites entre eles. Essas fronteiras ou limites são sempre no campo da aparência ou da semiótica. Um exemplo que se traz como aproximação teórica é a partir dos territórios da globalização, como a versão dos bancos especializados para as classes altas, os *primer* ou *select*. Esses bancos instauram fronteiras entre os lugares para pessoas de baixa renda. Essas fronteiras são na esfera da semiótica, dos signos das paisagens. Outro exemplo é dos shopping center que pela sua paisagem impede, não autoriza a entrada de miseráveis ou muitos pobres, e aqueles que se atrevem a ultrapassar essas novas fronteiras virtuais são ostensivamente expulsos.

Há que se destacar que a digiesfera, das mídias, dos aplicativos, das plataformas reproduz a realidade presente e concreta da vida das pessoas, não é uma realidade paralela, embora transtornos psíquicos possam sugerir aos usuários que vivem outra realidade. A prática dos e-

lugares pode ser uma dimensão paralela, mas reproduz os conteúdos e sentidos da vida prática diária em sua base.

As paisagens digitais despontam como mais uma semiótica de ordem e imperativo. Se revertendo, também, como uma base para a amplificação de desejos e costumes projetados para o hiperconsumo (LIPOVETSKY; SERROY, 2015). Os e-lugares reproduzem também as desigualdades geográficas no Brasil, sendo preciso qualificá-las diante desse novo mundo digital ou do que aqui se definiu como digiesfera.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade do presente é vivenciada digitalmente dado a lógica dos aplicativos e dispositivos da informação cibernética com a ampla e mais que perfeita difusão do meio técnico-científico-informacional. Esse meio dominante pela ciência, a tecnologia e a informação se transforma alterando o processo de urbanização que também modifica o campo como processo de mecanização da agricultura, ambos possuem em comum a tecnificação do território. A difusão mais que perfeita das condições do meio geográfico atual se dá pela digiesfera e a prática dos e-lugares. Pobres e ricos praticam teleação, e-lugares, contudo, as condições de acesso são desiguais, mas estão amplamente difundidas o que aqui se defende como difusão mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional em sua tecnificação territorial.

As desigualdades geográficas passam a ser verificadas, segundo essa perspectiva, a partir da dinâmica do uso do território. Desse modo, as meditações metodológicas aqui praticadas expuseram a unidade do corpo humano como a dimensão material da prática dos lugares. Novos conteúdos são atribuídos no cotidiano da cidade digital a partir da fusão humano-máquina pela prótese do celular multifuncional como prolongamento do corpo humano.

A velocidade, tanto da informação como da circulação, principalmente do dinheiro provoca uma fluidez territorial e acirra desigualdades no uso do território na cidade digital. Ainda que a prática de lugares fluídos não sejam plenamente passivos, as ações fluídas tendem a se dar nos territórios da fluidez. Os lugares rígidos também podem se constituir a partir da densidade territorial, pela lógica da racionalidade, assim como os lugares autômatos. Contudo a prática mecanizada desses lugares pode se dar numa ação coordenada vide o exemplo das eleições presidenciais em 2018 quando os lugares políticos foram praticados com base nas notícias falsas ou

nas midiaticamente chamadas de *fake news* conforme defendido pela tese de doutorado que sustenta essas reflexões.

Nesse sentido, a complexidade das múltiplas ações, da prática dos lugares dificulta as análises, mas não devem limitar as abordagens. Os lugares passivos tendem a ser negativos no sentido da sua ação, são irreflexivos, automatizados e rígidos na prática da sua mentalidade na psicoesfera e tecnoesfera. Enquanto os lugares ativos são sempre reflexivos, os sujeitos pensam antes de agir, por isso são fluídos ou práticos.

A prática do e-lugar é a novidade da cidade digital, tendo uma paisagem digital como o processo de intensificação da tecnificação territorial. E essas condições do processo de digitalização ou artificialização da vida estão com maior ou menor grau difundidas. As desigualdades passam também a exigir novas interpretações.

Talvez o contraponto da palavra design em sua obscuridade de projeto seja uma clareza e objetividade do conceito de paisagem. O estudo da paisagem demonstra no instante os usos da cidade e do campo. As fotografias demonstradas neste estudo exibem um mundo digital usufruído de forma desigual. Mesmo que a estética das paisagens dos lugares e das localidades da cidade sejam um caleidoscópio de cores e formas, essa ligeira explosão de variedades e diversidades força ao respeito com o diverso, com a diferença. Essa é uma das forças contraditórias da multiplicação dos gostos e opções de expressão.

Essa é uma reflexão inicial com base em teses de trabalho que fundamentarão futuras pesquisas. No esforço da prática da geografia como uma ciência do espaço geográfico. Essa prática se pretende trabalhar a geografia como uma inteligência no uso do território. Assim, o lugar como verbo da geografia, a palavra, a ação humana é a expressão da banalidade da existência. Em outras palavras o lugar é a maneira de se habitar, de se viver, de ser, é um tempo geográfico, sinônimo de cotidiano ou cotidianidade.

NOTAS:

¹ O meio técnico-científico-informacional na interpretação que se faz do conceito de Milton Santos é aqui definido como sinônimo de período histórico atual, o período em que se vive o presente momento, as variáveis chaves, dinamizadoras e transformadoras da realidade são aquelas que nominam o meio atual. Esse meio é um conceito abstrato que se materializa através dos usos do território, nesta análise se inicia o estudo dos usos da cidade digital. Mas ainda é preciso aprofundar o conhecimento dos lugares da geração digital o que implica aprofundar os mesmos estudos no campo também. A pesquisa de tese de doutorado é usada como suporte nas reflexões que seguem.

² A cidade é uma forma concreta, particular e interna de uma dada sociedade. O urbano é o abstrato, o geral e externo que vem do mundo, ou seja, das modernizações. Por isso, existem histórias das cidades e histórias do urbano (SANTOS, 1992). Entretanto, como o sistema mundo atualmente é “globalizado”, o urbano e a cidade se confundem, mas não são sinônimos. Na geografia as formas, sejam tangíveis e intangíveis dizem respeito à redutibilidade entre psicoesfera e tecnoesfera.

³ As paisagens se configuram como o laboratório do trabalho do geógrafo. Elas são o primeiro contato com a abordagem sobre os lugares, elas são sempre imagens. Em primeiro instante é o resultado visual da realidade, porém são apreendidas de diversas maneiras por meio dos atributos individuais, as paisagens para cegos, surdos e outras limitações físicas possuem diferenças, mas são percebidas diante das sensações, a paisagem é um conceito sensorial, por isso todos a apreendem segundo seus atributos pessoais.

⁴ Claude Raffestin em seu clássico *Por uma Geografia do Poder* traz o território se formando a partir do espaço. Porém a sua noção de espaço é o geométrico ou plano é divergente da compreensão praticada desta teoria e método. O uso do território constitui lugares (ação) e o território praticado pode se tornar uma dimensão do poder exercido pelos grupos, como os territórios do crime, por exemplo, que são delimitados pelo poder paralelo ao Estado-Nação. Mas o espaço geográfico é uma instância, e como tal abstrata, vindo a se materializar ou se manifestar por diversas maneiras ou dimensões, como o lugar, o uso do território ou paisagens, por exemplo.

⁵ O território usado é a expressão concreta do espaço geográfico segundo a teoria da geografia nova com base em Milton Santos e na leitura de Maria Adélia.

⁶ Grifo do autor: o corpo sem órgãos na ideia de Deleuze e Guattari (2010 [1973], p. 20) é “Os autômatos para e deixam sobressair a massa inorgânica que articulam. O corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível.” Eles falam do ponto de vista da produção psíquica do social influenciado pelo sistema capitalista que se casou perfeitamente com a condição de máquinas desejanter. É importante mencionar que os filósofos antecipam ideais que se materializam ou se tornam evidentes muito depois.

⁷ Corporeidade do ponto de vista filosófico em Heidegger, Ortega y Gasset e Foucault, por exemplo, ou do ponto de vista sociológico como o estudo de Le Breton (*A sociologia do corpo*).

⁸ Psicoesfera é o “[...] reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido [...]” (SANTOS, 2009 [1996]: p. 256)”. A tecnoesfera se adere ao território como uma prótese, isto é, ela “[...] é o mundo dos objetos, a psicoesfera é da ação (SANTOS, 2008, p. 159). “Tecnoesfera e psicoesfera são dois pilares com os quais o meio científico-técnico introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contra-racionalidade, no próprio conteúdo do território (SANTOS, 2009 [1996], p. 256)”.

⁹ Optou-se por Mídias ao englobar todos os meios de comunicação, sejam virtuais ou os tradicionais, a partir do sentido que Chomsky (2015) utiliza em seus estudos. Também fundamentada em Flusser (2017, p. 114; p. 116) em que as mídias são imagens técnicas ou tecnoimagens “[...] o pensamento imagético está se tornando capaz de pensar conceitos” ou “[...] a síntese da mídia linear com a de superfície pode resultar numa nova civilização”.

¹⁰ A guerra nas mídias sociais vai além do que os disparos de notícias falsas. A política do cancelamento também se reverte num novo costume que precisa ser compreendida, o que significa os linchamentos virtuais?

¹¹ Não se opta por redes sociais uma vez que o conceito de rede não traduz o que as conexões geográficas (SOUZA, 1993) representam na atualidade. Optou-se por Mídias ao englobar todos os meios de comunicação, sejam virtuais ou os tradicionais, a partir do sentido que Chomsky (2015) utiliza em seus estudos. Também fundamentado em Flusser (2017: p. 114; p. 116) em que as mídias são imagens técnicas ou tecnoimagens “[...] o pensamento imagético está se tornando capaz de pensar conceitos” ou “[...] a síntese da mídia linear com a de superfície pode resultar numa nova civilização”.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, Noam. **Mídia**: propaganda política e manipulação. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2015.
- DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. 2. ed. 2. reimp. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FLUSSER, Vilém. **Natural:mente**: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Annablume, 2011.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Ubu, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- GEORGE, Pierre. **A ação do homem**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1971.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10. ed. 4. reim. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. Título original: Cyberculture.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. Tradução de José Paulo Netto. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1981. 337p.
- MOCELLIN, Alan Delazeri. Lugares, não-lugares, lugares virtuais, **Em Tese**, v.6, n.3, p. 77-111, jan./jul. de 2009.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ártica, 1993.

-
- SANTOS, Milton. A cidade e o urbano como espaço-tempo. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. **Cidade e história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: Faculdade de Arquitetura (UFBA), 1992. p. 241-244.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009. 388 p.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. 88 p.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2014. 136p.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território: Globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 15-20
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.
- SOUZA, Maria Adélia A. de. Geografias das desigualdades: globalização e fragmentação. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território: Globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 21-28
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Introdução. In: _____ (Org.). **Território Brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003. 610 p.
- XAVIER, Marcus. Os sistemas de engenharia e a tecnicização do território: o exemplo da rede rodoviária brasileira. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001. p. 329-344.

Trabalho aceito em: 07/11/2022